



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

RUTH PAULINA RIOS DE SOUZA

**FORTALEZA LITERÁRIA:
UMA LEITURA DO ESPAÇO A PARTIR DOS ESPAÇOS DE LEITURA**

**FORTALEZA-CE
2019**

RUTH PAULINA RIOS DE SOUZA

FORTALEZA LITERÁRIA:
UMA LEITURA DO ESPAÇO A PARTIR DOS ESPAÇOS DE LEITURA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante

FORTALEZA-CE
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S235 Souza, Ruth Paulina Rios de.
Fortaleza Literária: uma leitura do espaço a partir dos espaços de Leitura / Ruth Paulina Rios de Souza. – 2019.
26 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.
1. Geografia Literária. 2. Bibliotecas Comunitárias. 3. Espaço urbano. I. Título.

CDD 910

RUTH PAULINA RIOS DE SOUZA

FORTALEZA LITERÁRIA:
UMA LEITURA DO ESPAÇO A PARTIR DOS ESPAÇOS DE LEITURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alexandre Queiroz Pereira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Me. Ana Argentina Castro Sales
Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, primeiramente, e à Nossa Senhora, por sempre me guiar em todos os caminhos e principalmente pela graça de conseguir desenvolver esta pesquisa. Aos meus pais, Haroldo e Liduina, que me apoiaram em todo o meu percurso pela Geografia, sempre me incentivando a ser a melhor versão de mim mesma. Agradeço à minha irmã, Rachel, por estar ao meu lado, ser meu espelho de responsabilidade, dedicação e sempre me ouvir discutir sobre esta pesquisa. Vocês são a parte mais importante de toda a minha vida.

Às minhas amigas da graduação, Beatriz, Suiane, Lídia, Sarah, Mara Mônica, Alessandra e Nara, por contribuírem e me inspirarem a fazer Geografia e buscar sempre novos caminhos dessa incrível ciência que confluuiu em nossa amizade e companheirismo. Aos professores e professoras que são os alicerces do Departamento de Geografia e nos ensinam tanto, além do conhecimento geográfico, a sermos pessoas melhores e são a imagem do futuro profissional que quero construir.

Aos meus amigos que a vida me deu, Mateus, Júnior, Ariel, Nathalie e Rafaela, que me apoiaram em todos os momentos. Percorremos vários desses momentos juntos dentro da academia e também muito distante, mas que mesmo longe estiveram próximos e eu agradeço a vocês por me aconselharem quando precisei, com todo amor eu dedico essa pesquisa recheada de afetos à vocês.

À Cristina, Argentina e a família Castro eu sou imensamente grata por me permitirem entrar em sua casa, conhecer a sua história e poder contar um pouco dessa história de luta, resistência e afeto nesta pesquisa. Agradeço o carinho e o afeto das crianças e jovens com quem tive o prazer de conversar, participar de atividades e observá-los durante esta pesquisa, pois eles que são a chave do futuro e por isso são acolhidos e protegidos pela família Castro no qual fazem esse belíssimo trabalho.

Ao Tiago Vieira, professor, orientador e amigo, que me incentivou a procurar sobre a geografia humana e a geografia literária, que permitiu o nascimento desta ideia durante o trabalho desenvolvido na pesquisa da Iniciação Acadêmica, que resultou nesta monografia, e descobrir tantas outras formas de fazer Geografia e também através da arte. Por todo o apoio, as conversas, as pesquisas de campo e os livros emprestados. Muito obrigada!

E finalmente, à Universidade Federal do Ceará e ao Departamento de Geografia, que têm sido minha casa nos últimos quatro anos e me deu oportunidades incríveis, de conhecer pessoas inspiradoras que permitiram desenvolver muitas habilidades e contribuir fundamentalmente na minha vida profissional e pessoal, me ensinar Geografia, a construir minha própria rede de afetos, de desenvolver a topofilia pelo espaço que eu me inseri e a consequência desse saber foi aprender a lutar pelos meus direitos e os direitos da comunidade acadêmica, por uma universidade pública, livre, democrática e crítica, que irei zelar por ela por toda minha vida.

"A palavra tem uma arte e uma ciência: como ciência ela exprime o pensamento com toda a sua fidelidade e singeleza; como arte, reveste a ideia de todos os relevos, de todas as graças, e de todas as formas necessárias para fascinar o espírito".

José de Alencar

RESUMO

Este artigo tem o intuito de investigar a relação Geografia, Literatura e a Cidade na constituição das bibliotecas comunitárias tendo como lócus de estudo a Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias. Pretende-se abrir uma discussão sobre as mudanças do espaço urbano e a precariedade dos serviços básicos que fazem iniciativas como as bibliotecas comunitárias criarem um espaço que extrapola suas funções de ser biblioteca, espaços de esperança, agregando relações sociais baseadas no humanismo, na arte e na capacidade de reflexão pela sensibilidade. A literatura vai além e resgata da comunidade o prazer da leitura, de atividades culturais e de descobrir na arte uma forma de resistir à violência e ao descaso social dos agentes urbanos. A partir de uma abordagem humanista e da Geografia Literária baseado nos estudos de Eric Dardel e Michèle Petit. Este artigo fará um estudo de caso na Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias a fim de diagnosticar a Literatura como uma resistência no espaço através de um estudo do espaço urbano, das redes e seus agentes.

Palavras-chave: Geografia Literária; Bibliotecas Comunitárias; Espaço urbano.

ABSTRACT

This paper has the intent to investigate the relations between Geography, Literature and the City in the constitution of the community libraries having the study locus the Papoco de Ideias Community Library. Therefore, intended to open a discussion about the urban changes and the precariousness of public basic services that induce initiatives like community libraries to create a reading space that goes beyond of your function as a library, spaces of hope, aggregating social relations based on humanism, art and the ability to reflect on sensibility. The literature rescue in the community the pleasure of reading a book, of cultural activities and to explore in art a new way to resist to violence and social abandonment of urban agents. From a humanistic approach and literary geography based on the studies of Eric Dardel and Michèle Petit, this paper did a case study at Papoco de Ideias Community Library in order to diagnose the literature as a way of resistance on the space by a study of the urban space, network and their agents.

Key-Words: Literary Geography; Community Libraries; Urban Space.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Fortaleza literária: o espaço, a cidade e a literatura.....	11
Caminhos da geografia literária.....	15
Pelos meandros do espaço de leitura.....	17
Espaços de leitura, espaços de resistência?.....	23
Referências.....	25

Introdução

O interesse da geografia pela literatura parte da necessidade de uma abordagem humanista e cultural do espaço e do tempo na interpretação do mundo moderno. É dessa forma que a compreensão do espaço a partir de obras literárias torna-se uma ferramenta importante no entendimento das relações inextricáveis entre o Homem e a Terra (DARDEL, 2011).

A geografia literária ainda é uma área em ascensão na geografia. Seus primeiros trabalhos se remetem ao início do século 20, na França, aplicada aos estudos que relacionavam as obras literárias aos seus lugares de origem, buscando onde foram produzidas e o que as inspirou. Trabalhos que tendiam a confundir-se com o regionalismo literário (COLLOT, 2012). Só mais recentemente a literatura, a partir dos anos 1970, é compreendida como meio de apreensão dos diversos modos como os sujeitos ocupam e vivenciam paisagens e lugares, também tendo base em uma análise histórica do tempo e do espaço (BROSSEAU, 2007; OLANDA; ALMEIDA, 2008; CAVALCANTE; 2019).

Alguns geógrafos brasileiros como Fernando Segismundo e Mauro Mota, na primeira metade do século XX já falavam da importância da arte e da literatura brasileira desde a colonização, trazendo várias geografias, desde a questão identitária e econômica do território à descrição dos lugares, da natureza e das coisas. A Geografia e a História são campos do conhecimento agraciados pela riqueza da literatura, pois a partir da estética da escrita da literatura brasileira é possível perceber toda a construção territorial do Brasil (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2010).

Usar dos artifícios da literatura para estudar o espaço é enveredar-se pela construção, formação e transformação dos lugares através da escrita, seja ela em verso ou em prosa. Assim, a Geografia pode debruçar-se sobre a literatura para construir um paralelo metodológico que alinha o elemento humano ao elemento natural, descobrindo como o ser humano se molda à natureza e vice-versa. A Geografia ao olhar com mais sensibilidade e atenta às singularidades do mundo aproximar-se da literatura, provando que é possível revelar o desejo dos cientistas de sair da grande caixa que é a neutralidade científica para visualizar uma nova forma de fazer Geografia a partir de uma metodologia humanista (CASTRO, 2016).

O olhar da Geografia para a literatura vai além das obras escritas. Seu estudo interpreta a partir da escrita o olhar do mundo e para o mundo, como a literatura muda os lugares e a realidade das pessoas, e, por conseguinte, o mundo das pessoas. Tendo em vista que esta pesquisa estuda os espaços de leitura, é intrínseco perceber que é preciso

compreender qual o papel desses espaços por intermédio dos estudos das bibliotecas comunitárias para aqueles que vivem nos lugares mais pobres da cidade, enfim, como a Geografia protagoniza o diagnóstico desses espaços de leitura?

O espaço urbano nessa pesquisa tem sua importância devido aos fenômenos urbanos e a produção do espaço, pois é impossível dissociar a cidade dos fenômenos sociais (CARLOS, 2007). Nesse sentido, a construção social e material da cidade é direcionada pela evolução do meio técnico, científico e informacional que nos dias atuais, transformam a cidade em um emaranhado de redes de fixos e fluxos que são produtos dos fenômenos urbanos.

A globalização traz outro aspecto ao processo de urbanização. Santos (1998), afirma que as explosões de cidades nos países subdesenvolvidos têm tornado o meio urbano cada vez mais artificial em detrimento da natureza primordial que é encoberta pela ação do homem. A paisagem cultural substitui a paisagem natural e com o aumento das populações humanas, com atividades secundárias e terciárias, o espaço também se torna lugar de disputa social:

O espaço da cidade acontece em um fenômeno de desenvolvimento desigual criando produtos como a exclusão social, segregação territorial, informalidade, ilegalidade e violência (MARICATO, 2003). O desenvolvimento desigual cria uma produção espacial que incita diferentes vetores de habitação conforme os agentes imobiliários.

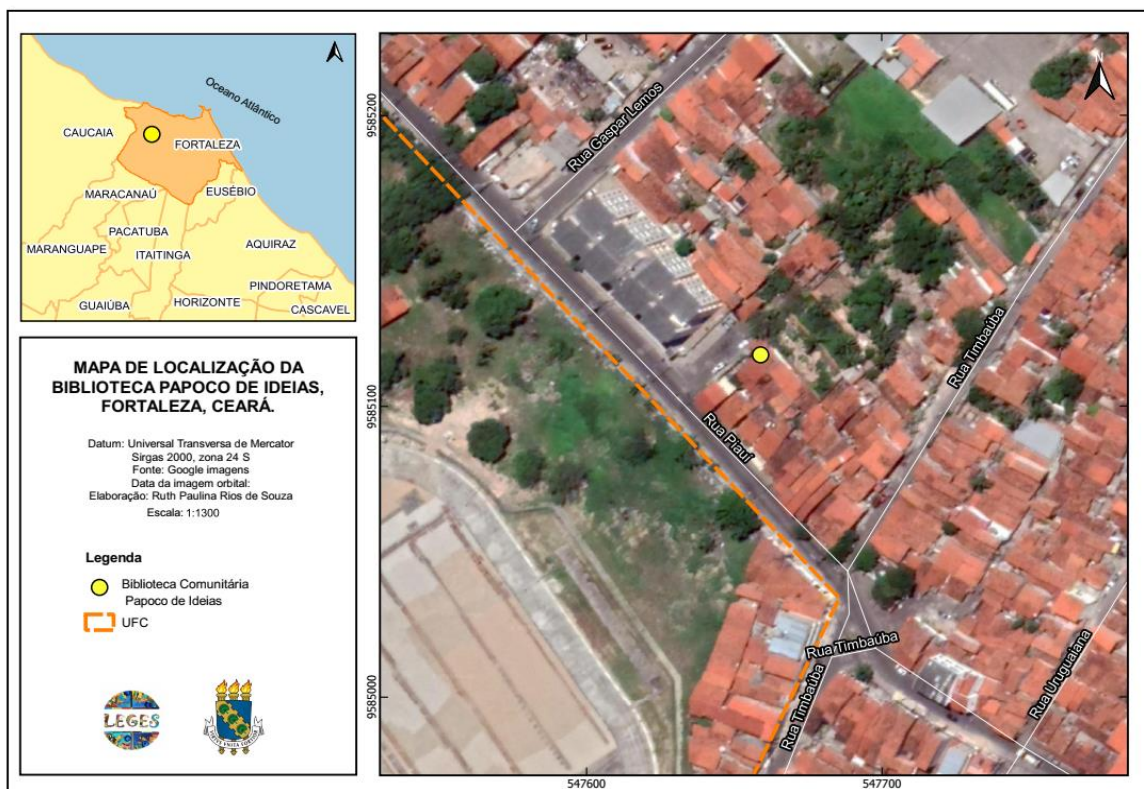
Este não é um fenômeno recente, estes processos ocorreram a partir de um processo histórico de êxodos de flagelados da seca que tem um grande entrave a partir de 1932, com a seca mais longa que trouxe consequentemente um maior número de flagelados e a elite vê-se em conflito com os mais pobres que chegavam à cidade (ALMEIDA, 2012). A territorialização das periferias ocorreu em setores marginais, criando cordões habitacionais precários a oeste junto à localização das primeiras indústrias de Fortaleza e em vetores mais ao sul, enquanto a leste, próximo à praia, cria-se empreendimentos mais sofisticados, repelindo as populações mais pobres.

Em meio aos espaços marginais e da crescente violência surgem as bibliotecas comunitárias, espaços de leitura criados com o intuito de trazer um equipamento de leitura e informação para a comunidade. Sua criação é desvinculada de qualquer associação governamental, tendo nascido no seio de comunidades periféricas carentes pelos moradores das mesmas (MACHADO, 2009). Assim, as bibliotecas comunitárias são espaços de luta autônoma de uma comunidade. Vão além do espaço de leitura em si, sendo equipamentos culturais que concentram atividades de natureza diversa, tais como dança e pintura, por exemplo.

Há uma potencialidade de uma interpretação geográfica desses espaços de leitura para compreender sua constituição na cidade, compreendendo como a comunidade se mobiliza para a criação desses espaços. Isso, tendo em vista a sua localização necessariamente em territórios de violência, de marginalização e precariedade, sendo importante compreender as lutas socioespaciais a elas imbricadas e qual a sua gênese. Diante disso, Como as bibliotecas comunitárias impactam no espaço onde estão inseridas?

Para a realização dessa pesquisa, a biblioteca comunitária Papoco de Ideias foi escolhida como lócus de estudo. Localizada no bairro Parque Universitário em Fortaleza, Ceará, na comunidade do Papoco, a biblioteca nasce dentro da casa das irmãs Cristina Castro e Argentina Castro.

Figura 1 – Mapa de Localização da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias.



Fonte: elaborado pela autora.

Através da documentação indireta foi realizada uma pesquisa bibliográfica com reunião de teses, artigos, monografias, livros, boletins e outros, discutindo com base em uma literatura já consolidada e em expansão versando sobre os caminhos da literatura e da geografia como uma forma de analisar o espaço e trazer contribuições pertinentes ao campo de pesquisa da Geografia Literária e também das bibliotecas comunitárias. Também foram

realizadas pesquisas de campo de caráter exploratório com o intuito de levantar dados e observações empíricas sobre a gênese, funcionamento e finalidade da biblioteca comunitária Papoco de Ideias.

A Papoco de Ideia é um dos grandes exemplos de espaços de leitura dentro de uma rede de afetos que tem um papel fundamental, um papel de resistência frente às desigualdades que permeiam as periferias da cidade de Fortaleza. Lugar onde o espaço não pode ser dissociado da literatura, que nos permite uma leitura do espaço a partir dos espaços de leitura.

Fortaleza literária: o espaço, a cidade e a literatura

O espaço como categoria de análise implica dizer que as relações sociais precisam de um palco para se concretizar. Santos (2006) afirma que o espaço geográfico é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações onde é possível reconhecer outras categorias de análises como a paisagem, configuração territorial, divisão territorial do trabalho, espaço produzido e produtivo e as rugosidades.

É possível então entender que o espaço passa a ser o palco das ações e dos objetos que o homem produz, ou seja, o espaço é um produto histórico e social que possui materialidade, temporalidade e símbolos. Tendo em vista que o espaço comporta o produto das ações humanas, entende-se que ele sofre com essas modificações. O modelo econômico vivido pela sociedade contemporânea marca profundamente a produção desse espaço, principalmente o espaço urbano que relaciona as relações sociais de trabalho com a produção do próprio espaço.

As cidades são uma construção histórica que imbricam em uma série de estruturas que provocaram as mudanças no espaço como o conhecemos. As relações socioespaciais foram fortemente influenciadas pelos processos capitalistas que concentraram e após se solidificarem, precisaram flexibilizar e expandiram suas estruturas em aglomerados urbanos ao redor do globo:

Seria no espaço socialmente produzido, o espaço urbano do capitalismo mesmo no campo, onde se reproduziriam as relações dominantes de produção através de um espaço social concretizado, criado, ocupado e fragmentado conforme as necessidades (LIMONAD, 1999, p. 73).

A ebulição das grandes cidades e o modo de produção capitalista está diretamente relacionada à produção do espaço que é induzida pelos interesses dos grandes industriais, da elite e do Estado, dessa forma, parte da sociedade apenas protagoniza esses interesses.

Limonad (1999) afirma que entender o urbano como um estilo de vida, como parte de uma superestrutura, obscurecia os problemas sociais. Ao fazer isso, era preciso admitir que o papel cultural da produção do espaço é tão importante quanto o econômico. As desigualdades sociais vão além da questão econômica e resultam em graves problemas, o espaço urbano reflete essas desigualdades nas relações socioespaciais, desde o morar à forma de lazer.

Portanto, o espaço urbano é um produto histórico, social e cultural das relações humanas que refletem em seus fixos, fluxos e principalmente nas rugosidades, que as relações socioespaciais estabelecem. No Brasil essas desigualdades perduram chegando ao seio das cidades desde a colonização, um processo que produz cidades segregadas com profundas fendas sociais.

A cidade de Fortaleza em seus 293 anos de sua simbólica existência oficial, enfrentou e ainda enfrenta um intenso processo de urbanização. De um pequeno aglomerado urbano sem grande importância à quinta cidade mais populosa do país (COSTA, 2014), os agentes imobiliários têm movimentado a cidade a crescer rumo aos céus, com a verticalização e sofisticação de alguns setores da cidade. Ressignificação de equipamentos e espaços que eram voltados a um tipo de serviço agora oferecem outros, como o centro da cidade que nos últimos anos espriam suas funções aos bairros periféricos e em outros setores.

Fortaleza, marcada por suas construções sólidas e arrojadas, desde a elevação à cidade em 1823, por Dom Pedro I, começa a ganhar traçados sofisticados no Centro, escoando a produção de algodão do estado e em meados dos anos 1860 tornando-se uma cidade com importância comercial, ganhando novos equipamentos, sofisticando-se com suas grandes construções de ferro forjadas na França (OLIVEIRA, 2013). Já a população menos favorecida ocupa áreas periféricas de risco, como dunas, áreas de várzeas e baixios.

As periferias da cidade de Fortaleza são marcadas em sua gênese pelos processos de êxodos das secas que castigaram a população cearense, a varíola e a desvalorização do preço do algodão que acarretou a divisão da cidade nas periferias que foram se moldando ao até os dias de hoje. Apesar da grande crise que a cidade enfrentou no final do século XIX com a seca e a peste, Fortaleza se recupera e ao longo do século XX, se torna uma centralidade e detêm o controle político-administrativo da região, concentrando não só a atividade industrial, mas também serviços como lazer e cultura e também a concentração demográfica (PEREIRA JÚNIOR, 2012).

O crescimento da cidade deu-se de forma desordenada, a ocupação urbana apresenta padrões diversificados do seu espaço:

As diversas formas de produção do espaço geográfico exercem forte pressão sobre o espaço natural, sendo realizadas, na maioria das vezes, sem considerar a vulnerabilidade dos grupos sociais e dos sistemas naturais, por vezes ampliando as condições de risco a que estão expostas parcela da população urbana (ZANELLA et al, 2013. p. 318).

Assim como a demanda urbana cresce em setores industriais e de serviços, as periferias também cresceram e tomaram grandes proporções, o que antes eram um punhado de barracos precários tornaram-se grandes bairros acumulando problemas graves de situação de risco ambiental e social, sendo que “a vulnerabilidade socioambiental pode ser definida como uma área em que coexistem riscos ambientais (áreas de alta e muito alta vulnerabilidade ambiental) e populações em situação de maior vulnerabilidade social” (DANTAS; COSTA; ZANELLA, 2016, p.71).

Tendo em vista que parte da população vivem em condições de vulnerabilidade socioambiental, os moradores desses bairros em locais de risco têm os serviços mais básicos, como acesso à água encanada e saneamento básico, limitados. São nesses locais onde boa parte dos jovens da cidade crescem, vivem e partilham os momentos de suas vidas, em meio à violência urbana, parte de um processo histórico de negação de direitos e exclusão.

As consequências dessas desigualdades sociais e abandono das periferias pelo Estado refletem gravemente na segurança pública, porquanto as periferias são espaços segregados pela violência e pelas facções. De acordo com o relatório do Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal, uma organização não governamental sediada no México, Fortaleza em 2017 era a sétima cidade mais violenta do mundo.

Essa violência que concentrada nas periferias, que historicamente já são conhecidas por serem espaços de repulsão das elites em relação às populações mais pobres, resultam na violência sofrida por esses jovens que é perpetrada pelos agentes urbanos através da segregação socioespacial. A violência muda a forma como as pessoas se relacionam com o espaço em que vivem, limitando até mesmo o cotidiano das pessoas e a convivência social. Segundo Souza e Ximenes (2007, p. 07), “A segmentação social é um dos fatores mais impactantes e negativos do aumento da violência nos bairros da Região Metropolitana de Fortaleza, ou seja, a separação de amigos e famílias, bem como, a morte de pessoas, corrobora para diminuição da interação das redes de solidariedade entre habitantes”.

Os jovens dos dias de hoje enfrentam mais possibilidades de caminhos do que seus pais ou seus avós foram expostos. A tecnologia permitiu que a conexão entre as pessoas aumentasse a partir da Internet, abrindo um leque de informações através de outros meios de comunicação, conseqüentemente, o interesse pela leitura diminuiu vertiginosamente.

O excesso de informações, como resultado da ampliação da tecnologia, acaba criando um excesso de estímulos onde o jovem defronta muitas possibilidades. Segundo Perissé (2006, p.33) “O excesso de estímulos desestimulou a muitos. Quanto mais entregues a uma torrente contínua de emoções, imagens, menos capazes nos tornamos de senti-la. [...] O excesso de opiniões nos impede de pensar por conta própria”. A juventude recebe uma torrente de informações onde eles são levados a pensar de acordo com o que chega diante de seus olhos sem muito tempo de processá-las, sem muito tempo de julgá-las e escolher o que internalizar, o que é uma profunda violência simbólica.

Petit (2009) reflete que a juventude francesa dos anos 1980 em situação de vulnerabilidade era mais exposta à violência simbólica e os espaços da cidade que são segregados refletem uma realidade de direitos negados e de muitas impossibilidades. Não é diferente dos jovens da América Latina dos dias de hoje, tampouco os jovens de Fortaleza, que segregados e marginalizados não tem acesso até mesmo ao saneamento básico, muito menos à leitura.

As bibliotecas comunitárias dão outro aspecto a essas áreas segregadas da cidade, uma oportunidade de expor o jovem a uma leitura, mesmo que mínima, onde ele possa entender o espaço onde vive. A leitura é uma forma de resistir à marginalização, ela permite que através dela o jovem coloque seus próprios sentimentos nas entrelinhas e se entenda como indivíduo na sociedade, permitindo que o jovem entenda suas próprias emoções, que precisa enfrentar os excessos da contemporaneidade, da violência sofrida continuamente no espaço em que vive.

A cidade de Fortaleza que respira literatura com grandes nomes como José de Alencar, autor de Iracema que dá toponímias importantes no Ceará e principalmente Fortaleza, com a praia de Iracema e a estátua da Iracema na lagoa da Messejana imprime na cidade uma importância cultural, símbolos da cultura e da resistência cearense em meio ao processo intenso de globalização que induz outros símbolos culturais. Fortaleza é a cidade de José de Alencar, Juvenal Galeno e também de Rachel de Queiroz, é a cidade do Café Java, dos encontros literários da Padaria Espiritual.

Em uma cidade que possui uma geografia marcada pela literatura, na descrição dos lugares, nos nomes de praças e ruas, ainda se fala tão pouco e nega-se muito ao jovem cearense a importância da leitura e do reconhecimento da importância desses espaços vividos e narrados por autores cearenses, “assim, reconhecendo que toda história tem como base uma geografia e que, mais do que mera base, a geografia é o conhecimento das experiências das

pessoas no espaço, da habitação do ser-no-mundo” (MONTEIRO, 1988, apud CAVALCANTE, 2019, p. 35).

A biblioteca comunitária é fundamental para introduzir a juventude da periferia em um espaço que lhes foi negado, para ler e construir a própria identidade, “[...] a leitura e a biblioteca são, desse modo, lugares onde alguns encontram armas que os encorajam na afirmação de si mesmo, onde se distanciam do que conheciam até então” (PETIT, 2009, p.86). Onde o jovem percebia somente a violência ele passa a perceber esperança, conexão e encontra forças para lutar contra repreensão social imposta pela segregação espacial.

Caminhos da geografia literária

Na literatura moderna da Geografia, talvez não exista um só lugar no mundo que já não tenha sido mapeado, ainda que haja ressalvas de “lugares inexplorados” e espaços duvidosos, o ser humano acredita ter conhecido todas as terras emersas. Por mais que os seres humanos conheçam o espaço onde andam e habitam, são os lugares inexplorados que lhe chamam atenção, que despertam os seus olhares. Wright (2014) levanta o questionamento de ver a Geografia como uma ciência que precisa despertar para os detalhes, lugares que ainda são vistos sob uma perspectiva macro das ciências cartográficas, mas inteiramente desconhecidos pela ótica crítica de um geógrafo e um dos caminhos para desbravar esses espaços desconhecidos através da literatura.

Desbravar o desconhecido não é algo novo para o homem e nem para a Geografia. Segundo Dardel (2011), o homem em suas explorações nos mares criou mitos, heróis e lendas para tentar descrever o espaço que até então não era conhecido:

As explorações tão brilhantemente realizadas no século XVI e a seguir, transformaram a imagem que os homens tinham da Terra, alargando o espaço geográfico, enriquecendo o repertório de imagens da Terra e das civilizações humanas, pela dissipação progressiva dos temas lendários em benefício de uma consciência geográfica segura. Do ‘sobrenatural’, do maravilhamento, para a natureza geográfica (DARDEL, 2011, p. 28 e 29).

Portanto, o primeiro recurso geográfico utilizado pelo homem para descrever as terras desconhecidas foi o imaginário, a construção de uma literatura vasta de percepções pessoais, mitos e histórias que tentavam explicar o que viam e aos poucos foram substituídas pelo imagético real, pelas descrições mais diretas do espaço natural e geográfico.

Segundo Cavalcante (2019, p. 22), “A geografia e a literatura, em particular, devem ser compreendidas como maneiras do homem (d)escrever o mundo, tornando-o inteligível,

mesmo que para isso tal mundo precise (re)construído, (re)elaborado e recriado.” A possibilidade de estudar o espaço geográfico através da literatura transforma o modo de enxergar as relações sociais, os processos históricos e a forma como a sociedade construíram e constroem o espaço, é o ato revolucionário de reinventá-lo e de construir uma nova visão, desbravar o desconhecido.

O espaço comporta muito mais do que apenas as descrições do real, do que se vê, pois a paisagem comporta expectativas pessoais, aquilo que se sente ao olhar para o espaço, principalmente o espaço vivido, os lugares. “A ‘verdade’ geográfica está na transferência de um valor (aquele o qual apreendemos a partir do contato com o lugar) mais do que em sua subsunção sob uma noção” (DARDEL, 2011, p. 132). Portanto, a Terra ainda precisa ser explorada no sentido das emoções humanas, afinal enxergar e descrever os lugares vai além do olhar e de uma percepção imparcial, sendo a literatura recheada de descrições afetivas do espaço, idealizações e “emoções espaciais”.

A literatura evoca memórias dos lugares que já foram vivenciados e que ainda o são, positiva ou negativamente. “Por meio do pensamento reflexivo que os momentos fugidos do passado são trazidos para perto de nós na realidade presente e ganham certa permanência”, escrevera Tuan (2013, p. 181). A geografia objetiva estudar os aspectos que coexistem no espaço-tempo fruto dos afetos que constituíram os lugares, as memórias do espaço que construiu estruturas, relações socioespaciais e rugosidades.

Como dito anteriormente, o olhar da Geografia para a literatura vai além das obras escritas, ela precisa apreender também o espaço em seu caráter mais poético e descritivo. Através da literatura, a geografia se lança em um novo desafio, alcançando novas possibilidades na leitura do espaço em que seja possível também propor estudos e soluções para problemas descritos pelos autores. As possibilidades são muitas e o geógrafo precisa debruçar-se sob uma geografia que exige cuidado e sensibilidade.

Compagnon (2012) questiona a razão da literatura e sua importância para entender o passado como uma crítica ao futuro, escrevendo que é possível através de versos poéticos entendermos o mundo e abandonar a tão ultrapassada visão de que o espaço precisa ser subdividido para o compreendermos. A Geografia também deve explorar caminhos ignorados, caminhos em que as cátedras ignoram por ser destoante de uma ciência da terra. A Geografia seria obtusa se negasse a existência da literatura como uma forma de ver o mundo, de ler o espaço. Compagnon (2012) ainda lamenta o abandono da literatura nas escolas e vê como um desafio para o presente o retorno do interesse pela leitura e a importância das

ciências humanas como uma forma de compreender o mundo contemporâneo, portanto a Geografia deve abraçar o desafio de ler o espaço através da literatura.

A geografia literária precisa ver a paisagem no homem, como um biógrafo, a geografia deve ressuscitar memórias, vocabulários e identificadores do espaço que o regionalizam de forma a entender seu funcionamento e gênese (MOTA, 1961). Sob a perspectiva de várias ciências, como a sociologia e principalmente a literatura, Mota (1961) incita a Geografia a sair dos moldes do positivismo e do historicismo mecânico para compreender o espaço de outra forma, sua estética, seus trejeitos e sem preconceitos, usando dos mecanismos científicos para observar os espaços de outra maneira.

Assim como é possível à Geografia ler o espaço através da literatura, obter do olhar do outro sob um cuidado de interpretação do espaço, é possível ir além, pois a literatura de fato oferece novas formas de ver o espaço. A partir do momento em que se compreende que a literatura é uma forma de ler o espaço entende-se que a literatura também muda o espaço, assim como Rachel Carson mudou a história dos EUA através da literatura, ao denunciar o DDT (diclorodifeniltricloroetano – um tipo de pesticida) através de uma poética biológica, as pessoas leem e compreendem algo no espaço que elas não viam, a literatura evoca um novo olhar sob uma perspectiva geográfica. A geografia literária propõe novas visões do espaço que o modificam, e as bibliotecas são movimentos que mudam o espaço através da literatura, mobilizando um espaço em prol da leitura e do que ela evoca como a pintura, a música, o lúdico, a arte.

As bibliotecas comunitárias são os lugares em que se pode ler o espaço de comunidades carentes como Gilberto Freyre via o Nordeste, para continuarmos o apelo de Mauro Mota (1961). É possível enxergar as bibliotecas comunitárias como novas lentes para entender os espaços das comunidades, pois onde se vê violência e pobreza, também é possível ver esperança. São lugares inexplorados pela Geografia, sob o olhar mais crítico e desnudo de qualquer aparato que o isole, como a cartografia, a biblioteca comunitária não é só mais um espaço no meio de comunidade. É o lugar onde crianças e jovens encontram refúgio na leitura e de aproveitar possibilidades que lhe foram negadas, como equipamentos culturais e de educação de qualidade.

Pelos meandros do espaço de leitura

Há aproximadamente três anos, a Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias foi fundada com o intuito de transformar a comunidade. Segundo Cristina, uma de suas fundadoras, ela e sua família nasceram e se criaram na comunidade e ao longo de sua história, viram a comunidade do Papoco se expandir, o bairro Pici crescer e com isso os seus problemas também.

Localizada no bairro Pici, na frente do muro da Universidade Federal do Ceará, a história da Papoco de Ideias remonta também a história da família Castro que abriu a própria casa para fundar a biblioteca. Localizada na travessa Piauí, Cristina conta que seu pai construiu a casa em um alagadiço, ali está localizada a várzea do Rio Maranguapinho um tributário do Rio Ceará e ali, ele construiu os alicerces de sua casa há pelo menos 40 anos atrás, a resistência começa a partir daí.

Cristina e dona Celeste, a matriarca da família, lembram o quanto foi difícil ainda de firmar a própria casa porque a prefeitura insistiu em dizer que a casa estava no meio de um traçado de uma rua e que eles deveriam sair dali. Tiverem que comprovar por usucapião que ali moravam há bastante tempo. Em meio à vulnerabilidade socioambiental de morar em uma área alagável, com solo encharcado e as dificuldades socioespaciais ali perpetradas fundou-se a casa da família Castro e futuramente Biblioteca Papoco de Ideias

A violência aos poucos foi se instaurando e de forma arrasadora entrou nos lares dos amigos e conhecidos de Cristina e sua família. Cristina conta que sempre quando ouvia barulhos de tiros temia pelos amigos e pelos jovens do bairro. Nesse sentido, criou-se a biblioteca para lutar com os livros contra violência, sendo os primeiros livros da biblioteca foram doados pelo próprio pai: uma série de enciclopédias.

É um hábito de a família Castro compartilhar tudo o que tem. A comunidade os conhece por ser uma casa de amigos, onde pode encontrar ajuda, partilha e afeto. Cristina fala que sua casa é aberta a todos e todas, se as crianças quiserem ir para ler elas irão ler, se quiserem brincar elas irão brincar. O lugar é livre.

A Papoco e Ideias, segundo Cristina, é o único equipamento cultural do bairro, todo o tipo de atividade que envolve mais diretamente arte e cultura acontece na biblioteca. São realizadas oficinas de teatro, cinema e pintura, saraus, além das rodas de leitura e também rodas de conversa com pessoas de outras comunidades.

Figura 2 – Imagens de eventos que ocorrem na biblioteca.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

O pai de uma das crianças que frequenta a biblioteca juntamente com a sua filha conta como eles têm mudado desde que descobriram a Papoco de Ideias. Ele relata que desde que começaram a frequentar a biblioteca, há três meses, têm adquirido o hábito de ler juntos e comentarem das leituras que fazem. Ele conta que a biblioteca é um equipamento importante para que os jovens encontrem na leitura uma forma de desvencilhar sua atenção da violência que é diariamente reportada pela mídia e também o contato com outras crianças, criando laços através da leitura, da brincadeira e das atividades culturais ali promovidas.

A biblioteca comunitária Papoco de Ideias é uma entre muitas bibliotecas dentro de Fortaleza, ela já fez parte de uma rede de bibliotecas, a Jangada Literária, que fortaleceu a

relação com outras bibliotecas, autores, pessoas de outras comunidades e gestores. Dessa forma, é possível entender que as bibliotecas formam uma rede de afetos, rede que une forças em meio à segregação urbana e traz esperança para as comunidades que estão inseridas.

Cristina conta que como biblioteca em si eles têm algumas dificuldades de adaptação às metodologias da biblioteconomia, como a catalogação de livros que é difícil devido ao tempo que é curto e são poucas pessoas disponíveis para ajudar. Porém, a Papoco de Ideias possui uma ficha de acompanhamento de cada criança, contendo informações que vão desde dados pessoais, alergias e outros possíveis problemas médicos. A biblioteca tem pelo menos 60 crianças cadastradas e conta que as crianças criadas somente pela avó ou pela mãe são as crianças que precisam de maior acolhimento e atenção, pois, por não terem renda fixa, essas crianças estão em sua maioria em situação de pobreza.

Apesar das dificuldades metodológicas, Cristina diz que este não é um problema, porque o intuito principal da biblioteca é o acolhimento, é ser um refúgio, um abrigo. As redes de bibliotecas ainda precisam adaptar-se à realidade política e social dos espaços que estão inseridas. Cristina não conta com a assistência do Estado, a não ser os que, assim como ela, acreditam no poder da literatura. A biblioteca, portanto, existe pelo esforço da família Castro e de outras pessoas da comunidade.

A Biblioteca conta com algumas doações de outras organizações não governamentais que doam alimentos e Cristina conta que sempre que pode, monta pequenas cestas básicas para as crianças que mais necessitam. As atividades desenvolvidas na biblioteca de pessoas convidadas por Cristina ou Argentina, irmã de Cristina, também conta com doações de alimentos, lanches, livros, material para pintura entre outros.

Cristina e Argentina contam que as crianças são o maior público da biblioteca. Os jovens são mais difíceis de serem “conquistados”, geralmente, procuram a biblioteca para fazer pesquisa da escola ou então aparecem nas mostras de cinema que ocorrem em frente à biblioteca. Cristina fala que trazer os jovens para biblioteca é como um trabalho de “formiguinha”, ela vai às escolas, vai à comunidade e conversa com eles para chama-los para a biblioteca. Ainda há a problemática de alguns jovens de comunidades próximas frequentarem a biblioteca está relacionada a segregação relacionada ao tráfico, Cristina chama alguns jovens que trabalham com rap para apresentar-se na biblioteca, mas a frequência deles lá é dificultada devido à violência.

Nas rodas de conversa em que outras pessoas de comunidades diferentes e de outras bibliotecas comunitárias discutem essa violência que é história e até mesmo, programada, uma forma de coerção do Estado para controlar o descaso criado por eles mesmos. A

violência é a resposta histórica do descaso dos agentes urbanos. A ocupação da ocupação, como disse Rômulo Silva no *Seminário Periferia Livre*, realizada na calçada da Papoco de Ideias, que é preciso ocupar as favelas de poesia, armar os jovens de conhecimento, fugir do cooptação do Estado e dos títulos que a mídia quer colocar nos jovens das comunidades.

Visualizar as bibliotecas comunitárias espacialmente reflete exatamente o que tem sido discutido nas rodas de conversa realizadas na biblioteca Papoco de Ideias e sobre o estudo aqui realizado, são nos locais historicamente rechaçados, os campos de concentração da seca, nos antigos lazaretos, vazios urbanos e áreas de vulnerabilidade ambiental que se instalaram os povos que não tinham voz e vez.

Cristina fala que as bibliotecas comunitárias formam uma rede e Baticum, também fundador e coordenador de uma biblioteca comunitária, as bibliotecas são como uma extensão das comunidades, é uma forma de unir-se e encontrar uma saída para toda a violência sofrida, do descaso. As bibliotecas são uma rede de resistência.

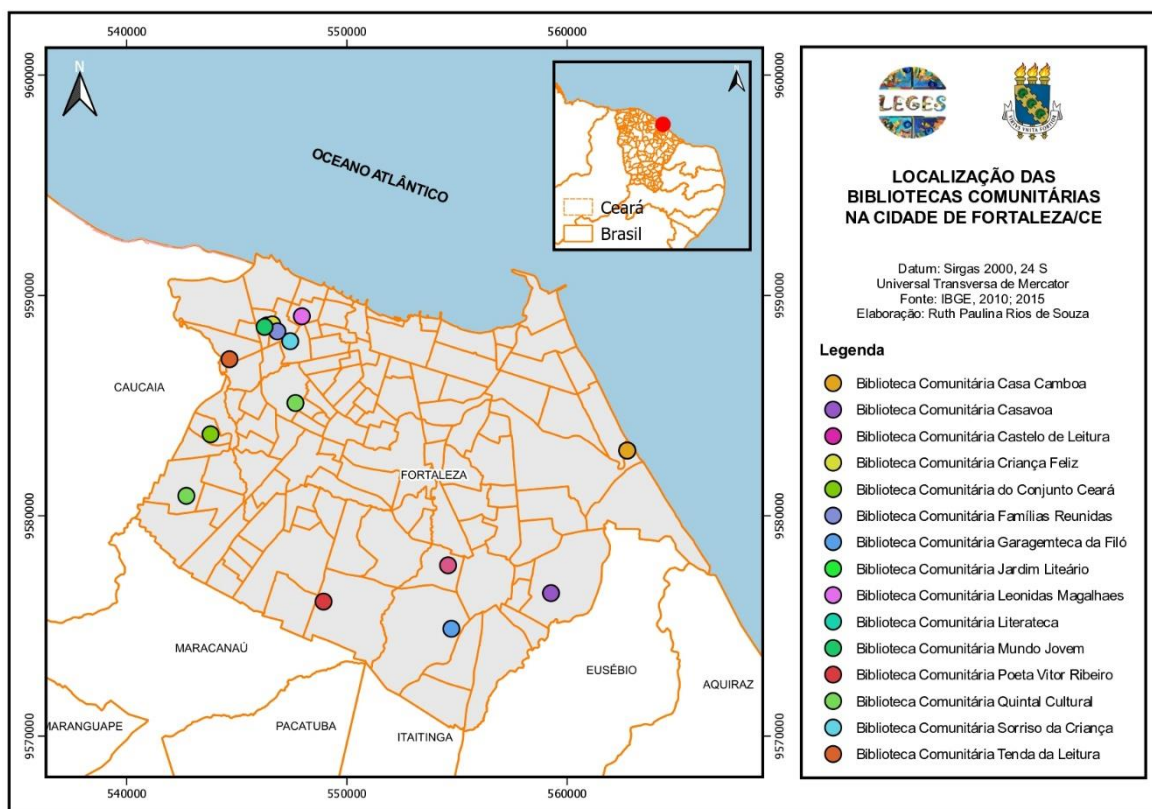
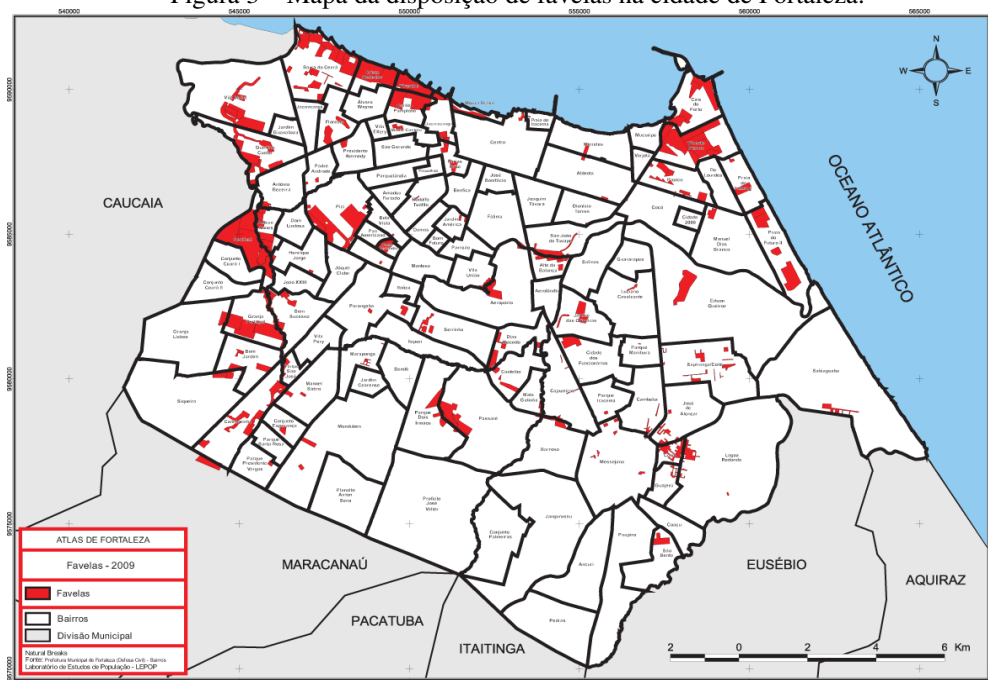


Figura 3 – Mapa de Localização das bibliotecas comunitárias na cidade de Fortaleza, Ce.
Fonte: elaborado pela autora.

Á seguir, é possível visualizar a localização das favelas na cidade de Fortaleza, comunidades estas historicamente espacializadas em locais impelidos pelas elites.

Figura 3 – Mapa da disposição de favelas na cidade de Fortaleza.



Fonte: LEPOP/UECE, 2009

A disposição da biblioteca em espaços de vulnerabilidade condiz com o conceito das bibliotecas que estão inseridas necessariamente em espaços de violência, pois são uma resposta do estímulo do espaço que vivem, de necessidades que precisam ser atendidas pelo Estado e são ignoradas.

É sintomático que essas bibliotecas da Rede de Bibliotecas Comunitárias Jangada Literária estejam localizadas em espaços historicamente segregados. As bibliotecas comunitárias são um apelo, um grito de socorro através da leitura para tentar resistir a esse processo histórico que chega a anular as possibilidades de melhora social de uma parcela da população da cidade de Fortaleza.

As bibliotecas comunitárias, assim como a própria gênese do espaço em que estão inseridas, são uma ocupação, a resistência nesses espaços segregados tão difíceis quanto o próprio existir (SILVA et al, 2018). Através da leitura, da arte e da cultura é possível trazer aos jovens o que lhes foi negado, um *front* onde os escudos são feitos de letras e de saberes da própria comunidade. Na Papoco de Ideias se discute sobre os problemas da comunidade, mobilizam-se as pessoas a agirem dentro do próprio bairro, até mesmo com a questão do lixo, e principalmente com o descaso do Estado em relação aos problemas da comunidade, a biblioteca torna-se um “grande megafone”, é onde as pessoas podem gritar e ser ouvidas.

Espaços de leitura, lugares de resistência?

A geografia permeia a vida, ela conta caminho, ela conta histórias e nos lembra de fatos importantes. A geografia não é história, ela é escrita da terra, e é através do espaço, tão importante reflexão sobre este palco das interações humanas, que é preciso contar essa história tendo em vista que este palco é parte importante dela.

A literatura é uma forma de contar histórias que a geografia se apropria para descrever os espaços, os lugares e principalmente os afetos e a forma como as pessoas se relacionam com o espaço, é nele que tudo acontece e onde nenhuma ciência sequer reflete sobre como estrategicamente o homem, até mesmo sem se aperceber, constrói a vida. O homem espacializa suas emoções.

Durante todo o percurso realizado nesta pesquisa, desde o questionamento ao diagnóstico da biblioteca em uma área historicamente repelida pelos agentes urbanos, refletiu-se sobre a necessidade de usar a geografia também como arma de resistência, a cartografia dos lugares abandonados pelo Estado e por outros agentes urbanos.

A geografia que precisa explorar outros espaços além do que se vê no espaço físico, “[...] a Geografia, em qualquer dos seus ramos, não e nem pode ser uma disciplina estática. Nasceu para um percurso sem limites com o deslumbramento do primeiro homem diante da sedução da natureza” (MOTA, 1961, p 154). É com essa dinamicidade que encontramos no espaço, objetos e ações das mais variadas formas, como a literatura e através da biblioteca comunitária, espaços que resistem a uma lógica que insiste em silenciá-las.

Se a geografia é arma, a literatura é munição, a munição do afeto e do autoconhecimento, para o jovem se conhecer como indivíduo, autônomo de seus sentimentos e de suas vontades, conhecedor de seu mundo. Na biblioteca comunitária, eles encontram refúgio nas letras, na literatura e na palavra, “[...] a palavra inventa/descobre a realidade humana em sua complexidade, em suas aporias” (PERISSE, 2008, p 15).

É necessário entender que a literatura para os jovens e crianças que frequentam as bibliotecas comunitárias é base para (re)inventarem o seu próprio mundo, incentivando o saber dos próprios costumes, dos gostos e dos saberes da própria comunidade. Além da literatura, tem o brincar, que traz o convívio com o outro, brincando com lápis de cor, com tinta e com colagem, a criatividade traz à tona a essência que, na realidade em que vivem, nunca se é permitido trazer, pois nas escolas, muitas vezes, não há tempo para tais atividades.

Cartografar estes espaços literários é descobrir terras incógnitas, realidades que são emersas e que são adensadas no emaranhado das redes urbanas, esquecidas pelo Estado e apagado pela mídia. A geografia é o holofote desses espaços, a geografia protagoniza o diagnóstico desses espaços de leitura que também são espaços de resistência.

Descobrir que a rede de afetos construída pelas bibliotecas comunitárias mobiliza pessoas, ações e emoções e concretizam no espaço a produção de conhecimento, de arte e de saberes que gera uma nova forma de interpretar estes espaços, a comunidade não é só violência, não é esquecida, não é mal estruturada, ela é mal gerida pelo Estado e os mesmos indivíduos cidadãos que moram na elite tem os mesmos direitos do cidadão que mora na comunidade do Papoco. As bibliotecas comunitárias constroem e ajudam a edificar a sua identidade, trazendo pelas palavras e pela arte o afeto, ao invés da fuga, traz-se o ficar, o estar.

Por fim, a geografia humana a partir da geografia literária permitiu descobrir esses lugares de resistência, cartografar afetos, trazer à tona nuances do espaço como a vulnerabilidade socioambiental e socioespacial construiu espaços historicamente esquecidos por todos, mas que as bibliotecas comunitárias constroem outros focos, pois constroem novos caminhos de liberdade a partir das palavras, o palco no mundo que poucos vêem.

Referências

- ALENCAR, José de. **Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos**. Rio de Janeiro: Empreza Typographia Nacional do Diario, 1856. 96 p. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4642/1/001758_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.
- ALMEIDA, Rodrigo Cavalcante de. **A Modernidade e as Favelas: a produção do espaço urbano de Fortaleza a partir da Seca de 1932**. 2012. 139f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, História e Cultura, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.
- BRITO, Luciana. **A fome: retrato dos horrores das secas e migrações cearenses no final do século XX**. Estação Literária, Londrina, v. 10, n. 8, p.111-125, jan. 2013.
- BROSSEAU, Marc. **Geografia e literatura**. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007. p. 17-77.
- CARLOS, Ana Fani. **O Espaço Urbano: Novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Labur, 2007.
- CEARÁ. Prefeitura de Fortaleza. Prefeitura de Fortaleza (Org.). **Fortaleza em mapas, informações georreferenciadas**. 2015. Disponível em: <<http://mapas.fortaleza.ce.gov.br>>. Acesso em: 08 nov. 2019.
- CASTRO, Júlia Fonseca. **Geografia e Literatura: de aproximação ao diálogo**. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício (Org.). *Geografia, Literatura e Arte: epistemologia, crítica e interlocuções*, p.332-347, 2016.
- CAVALCANTE, Tiago V. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.
- COLLOT, Michel. **Rumo a uma geografia literária**. Gragoatá, Niterói, n. 33, p. 17-31, 2º semestre, p. 17-31, 2012.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Bandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- CONSEJO CIUDADANO PARA LA SEGURIDAD PÚBLICA Y LA JUSTICIA PENAL A.C. (México). **Las 50 Ciudades Más Violentas del Mundo 2017**. 2017. Disponível em: <<http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx/ranking-de-ciudades-2017>>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- COSTA, Maria Clélia Lustosa. Fortaleza, capital do Ceará: transformações no espaço urbano ao longo do século XIX. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 130, n. 3, p.81-111, mar. 2014.
- DANTAS, Eustógio Correia; COSTA, Maria Clélia Lustosa; ZANELLA, Maria Elisa. **Vulnerabilidade socioambiental e qualidade de vida em Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2016.

IPLANFOR – Instituto de Planejamento de Fortaleza. **Fortaleza 2040**. Fortaleza: IPLANFOR, 2015. 122 p. Disponível em: <http://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/site/assets/files/publications/fortaleza2040_iniciando_o_dialogo_17-08-2015.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2019.

LIMA, Paulo César Cunha. **A produção do espaço na cidade de Fortaleza-CE: uma análise das ações, políticas, projetos e planos diretores**. 2013. 123 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP/Rio Claro, Rio Claro, 2013.

LIMONAD, Ester. **Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbanização**. GEOgraphia, Niterói, v. 1, n. 1, p.71-91, mar. 1999.

MACHADO, Elisa Campos. **Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária**. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 7, n. 2, p.80-94, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole, legislação e desigualdade**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 48, p.151-167, maio 2003.

MOTA, Mauro. **Geografia Literária**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1961.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. **A geografia e a literatura: uma reflexão**. Geosul, Florianópolis, v. 23, n. 46, p.7-32, dez. 2008.

OLIVEIRA, Lívia de; MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Caminhos geográficos para a literatura. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Marcia Manir Miguel. **Leitura e Paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: Editora da UFF, 2010. Cap. 10. p. 121-138.

OLIVEIRA, Raimundo Nonato Nogueira de. **O processo de modernização de Fortaleza**. In: XIII SEMANA DE HISTORIA DA FECLESC, 8., 2013, Fortaleza. Anais. Fortaleza: Uece, 2013. p. 2 – 16. Disponível em: <http://uece.br/eventos/semanadehistoriadafeclesc/anais/trabalhos_completos/72-17846-20112013-173837.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. **O processo de industrialização e as novas articulações cidade – urbano – região**. In: XII ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12., 2009, Montevideu. 2009. p. 1 – 15. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/GeografiasocioeconomicaGeografiaIndustrial/33.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013. 192 p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 4ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SILVA, Maria Betânia et al. **Incidência política: ocupação e resistência**. In: GUERRA, Adriano; LEITE, Camila; VERÇOSA, Érica (Org.). Expedições Literárias: tesouro das bibliotecas comunitárias no Brasil. Belo Horizonte: Formato, 2018. Cap. 18. p. 155-164.

SOUZA, Fabio Araújo de Holanda; XIMENES, Yasmin. **Violência Urbana e Vulnerabilidades em Fortaleza, Brasil**. Fortaleza: Ideias do Brasil, 2007.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

UECE. **Laboratório de Estudos de População – LEPOP. Mapas – Habitação**. Disponível em: <http://www.uece.br/basededados/index.php?option=com_phocagallery&view=category&id=4&Itemid=19>. Acesso em: 07 nov. 2019.

ZANELLA, Maria Elisa et al. **Vulnerabilidade Socioambiental do Baixo Curso da Bacia Hidrográfica do Rio Cocó, Fortaleza-CE**. Sociedade e Natureza, Uberlândia, v. 25, n. 2, p.317-331, ago. 2013.